

# Em estado de abandono

ANTÔNIO SIQUEIRA

Márcia Neri

**A**bandonados. Essa é a sensação dos empreendedores que ainda conseguem manter abertas as portas das empresas instaladas em algumas Áreas de Desenvolvimento Econômico (ADEs) do Distrito Federal. Desenvolvidos para incrementar a economia e gerar emprego, os pólos ainda necessitam de infra-estrutura, como asfalto, esgoto e iluminação pública.

Grande parte dos pequenos e médios empresários beneficiados pelo Pró-DF, programa de incentivos que visa atrair empresas para as regiões administrativas e oferece desconto na aquisição dos lotes, está assustada e revoltada com a situação. A Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo, considerando que as obras de infra-estrutura ainda estão inacabadas, prorrogou, mais uma vez, o prazo de implantação dos empreendimentos incentivados pelo Pró-DF nas regiões com maiores problemas.

Na ADE Centro-Norte, uma das áreas beneficiadas pela prorrogação, é quase impossível trafegar de carro. Implantada há cinco anos no Setor P Sul da Ceilândia, o asfalto ainda não chegou à região. As ruas têm grandes buracos, a iluminação pública nunca foi instalada, a insegurança é total e o esgoto corre a céu aberto na época das chuvas.

## ■ Clientes desaparecem

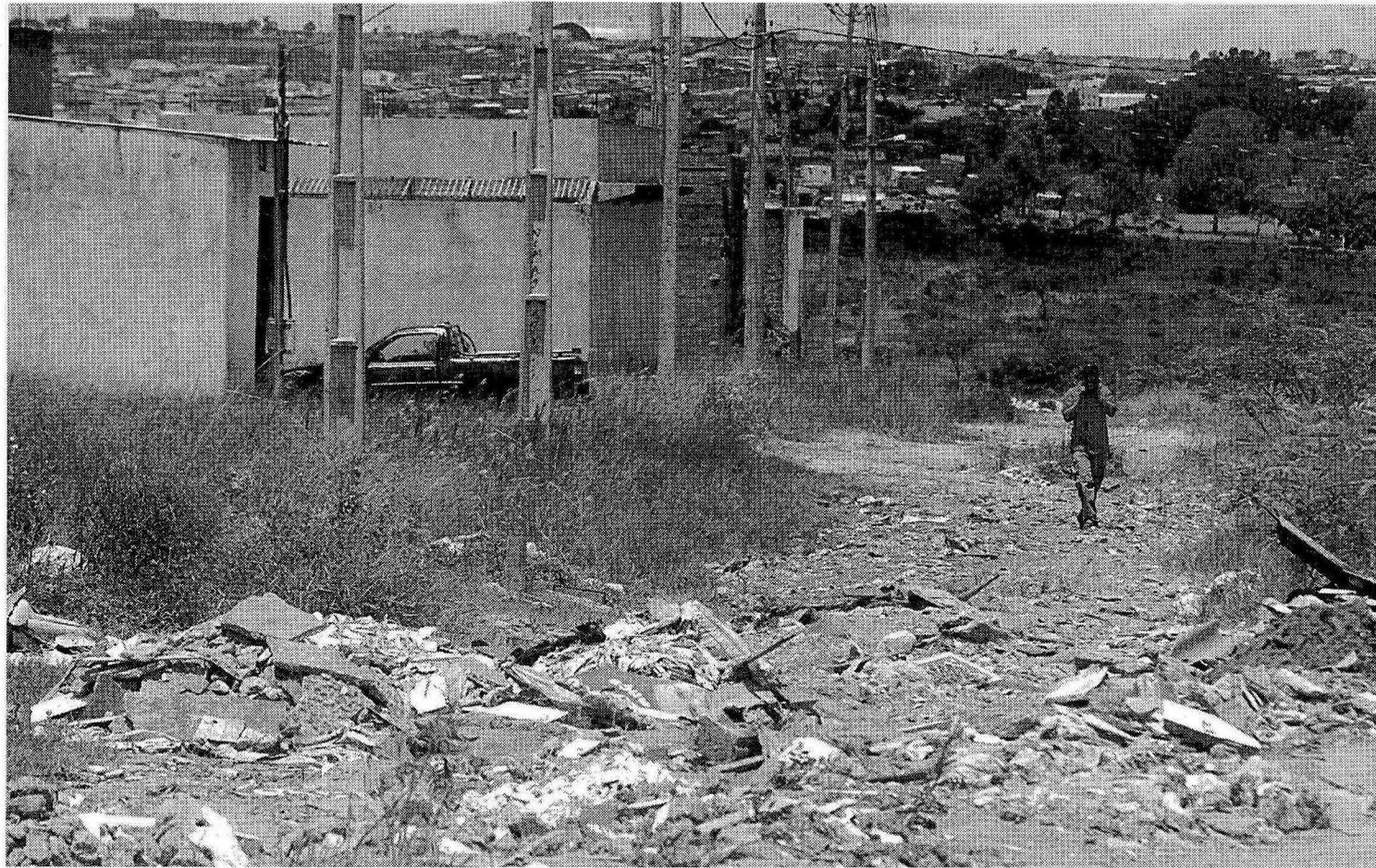
Segundo Roberval Rodrigues, dono de uma oficina mecânica, só conseguem sobreviver

no local, as indústrias que fabricam produtos que são levados até o seu destinatário. "São empresas que não necessitam da presença dos clientes nos estabelecimentos. No meu caso, perdi cerca de 90% da clientela, que não quer trazer o carro em um lugar como esse. Só os amigos ainda procuram os serviços da minha oficina, certamente por pena de mim, pois investi tudo o que eu tinha aqui e não tenho condições de ir embora", afirma.

Segundo Roberval, dos 720 lotes distribuídos na ADE Centro-Norte, 70% estão abandonados ou as empresas com as portas fechadas. "Me sinto enganado e abandonado. Não estou pedindo nada, só quero a contrapartida dos impostos que sou obrigado a pagar todos os meses", desabafa.

Para Pedro Ferreira, dono de uma loja de produtos para serigrafia, a solução para amenizar a ausência de consumidores tem saído cara. "Preciso pagar motoboy para entregar os produtos, pois meus clientes não querem vir até aqui. Além disso, tive que me mudar para cá, pois se deixar a loja sozinha os ladrões levam tudo. Não tem policiamento e segurança por aqui", afirma.

Na ADE de Águas Claras, os empresários reclamam dos constantes assaltos. "Já cansamos de pedir policiamento ostensivo por aqui. Os ladrões chegam armados e levam o que querem. Quando ligamos pedindo ajuda para a polícia, eles dizem que não tem viaturas", conta Lindomar Lourenço, dono de um pequeno mercado na ADE de Águas Claras.



■ NA ADE CENTRO-NORTE, DO SETOR P SUL, DE CEILÂNDIA, É QUASE IMPOSSÍVEL TRAFEGAR NAS RUAS ESBURACADAS E CHEIAS DE ENTULHOS